



Custo-efetividade de *stents* e hipertensão em crianças

Os destaques de março e abril dos *Arquivos Brasileiros de Cardiologia* fazem, respectivamente, uma comparação do custo-efetividade dos *stents* farmacológicos e não-farmacológicos no seguimento tardio e uma avaliação dos fatores de risco e proteção em crianças.

O estudo sobre *stents* levou em conta a escassez de análises de custo-efetividade na literatura nacional. É assinado por Esmerlaci Ferreira, Denizar Vianna Araújo, Vitor Manuel Pereira Azevedo, Cyro Vargues Rodrigues, Alcides Ferreira Jr., Camilo de Lellis Junqueira, José Geraldo de Castro Amino, Mara Lucia Farias, Antonio Farias Neto e Denilson Campos de Albuquerque, da Uerj, Clínica Status Cor, Hospital Prontocor, Hospital de Clínicas Mario Lioni e Instituto Nacional de Cardiologia de Laranjeiras.

Os pesquisadores analisaram 217 pacientes, acompanhados por 48 meses, calcularam o custo da re-estenose evitada e concluíram que os resultados clínicos foram similares e a re-estenose foi maior no *stent* não-farmacológico. O *stent* farmacológico foi uma estratégia não custo-efetiva, afirmam os autores.

O artigo de abril é assinado por Alessandra Vitorino Naghettini, Joice M. F. Belém, Cláudia Maria Salgado, Huber M. Vasconcelos Júnior, Elaine Maria Xavier Seronni, Ana Luiza Junqueira

e Patrícia Marques Fortes, todos da Universidade Federal de Goiânia.

Os autores levantaram estudos epidemiológicos que mostram aumento da prevalência da hipertensão na faixa etária pediátrica e avaliaram fatores de risco e proteção relacionados à elevação da pressão.

A pesquisa avaliou 519 crianças entre 3 a 10 anos, moradoras de Goiânia. Foi levantado o histórico dos indivíduos estudados, como peso ao nascer e aleitamento materno, e verificada a história familiar em busca de casos de hipertensão e obesidade.

O estudo mostrou que 109 das crianças tinham excesso de peso, das quais 53 obesas. E ainda que o aleitamento materno predominante ou exclusivo por menos de seis meses ocorreu em 51,2% dos indivíduos, justamente os que apresentaram pressão sistólica mais elevada, também presente nos indivíduos com história familiar positiva para hipertensão e excesso de peso.

A conclusão dos pesquisadores é que excesso de peso e fatores hereditários podem estar associados à elevação da pressão e o tempo em aleitamento materno superior a seis meses parece conferir efeito protetor.

